

Semi deuses:- Prometeu



Prometeu e o fogo sagrado

Prometeu sempre teve um pendor para as artes plásticas.

Seu pai era o velho Japeto, um dos titãs, cuja origem se perde na noite dos tempos.

Era tão velho que emparelhava em idade com Cronos, o pai de Zeus, e ninguém sabia precisar direito como e de onde surgira.

O fato é que o velho sempre nutria uma admiração secreta por seu habilidoso filho.

Ásia, esposa de Japeto, escutava pacientemente os prognósticos do marido, mas não podia deixar de concordar com o seu otimismo.

Não raras vezes flagraram o menino metido no barro, modelando com habilidade seres das mais diversas formas.

Com o tempo, Prometeu cresceu, até atingir a fase adulta.

Agora, já com seu atelier montado, era respeitado em toda a corte celestial, como notável artífice.

Um dia chegou um mensageiro do todo-poderoso à sua porta dizendo:

- *Prometeu, Zeus decidiu criar um novo ser, sobre a Terra, de tal modo importante, que há se assemelhar em tudo aos próprios deuses.*

- *Um deus de segunda categoria?*

- *Para quê?*, perguntou o artista a si mesmo,

Prometeu, entretanto, não opinava sobre as tarefas que recebia, mas procurava tão somente cumpri-las da melhor maneira possível.

Assim sendo, aceitou imediatamente a incumbência.

No mesmo dia encerrou-se em sua oficina, depois de colocar um aviso bem grande na porta destinado a afastar os importunos.

Esta criação, bem o sabia, estava destinada a ser a sua obra-prima, e por esta razão decidiu caprichar ao máximo na sua elaboração.



Prometeu cria o homem

Depois de trabalhar por vários dias, deu enfim por concluída a tarefa.

Embrulhou a imagem do novo ser, que batizou de Homem, e já ia levando para que Atena, a sabedoria divina, lhe insuflassse a alma, quando esbarrou acidentalmente na porta, deixando cair a peça ao chão.

Abalado com o desastre, Prometeu retirou o lençol que envolvia o trabalho e viu que sua criatura perdera uma de suas três maravilhosas pernas.

- *Que desastre lamentável!*, exclamou, desconsolado.

Mas como estivesse muito apressado, pois a data de entrega da obra havia expirado há vários dias, resolveu levá-la assim mesmo, com duas pernas apenas.

A perna do meio, contudo perdera-se para sempre.

Mesmo assim, lá foi ele, orgulhoso, com sua obra-prima.

Todos os deuses foram unânimes em aplaudir a sua criação.

Os elogios eram como uma chuva benfazeja, de tal modo que Prometeu tomou-se mais ainda de amores pela obra.

Decidido, porém, a fazer daquela criatura um ser privilegiado,

Prometeu decidiu subir até os céus e roubar ao carro do sol uma pequena chama.

- *Veja!*, disse ele a Atena.

- *Com o domínio deste fogo, o homem será superior a todas as demais criaturas!*

Os descendentes deste primeiro homem, no entanto, logo entraram em desavença com o pai supremo, Zeus.

Zeus, encolerizado, decidiu puni-los retirando dos homens o fogo, que lhes dava o calor necessário aos seus corpos desprovidos de penas ou de pelo espesso.

Deste modo o homem também ficava privado do elemento fundamental para que pudesse continuar a fabricar suas armas e ferramentas.

As forjas silenciaram em todo o mundo, e durante algum tempo as bigornas e os martelos estiveram momentaneamente pacificados.

Quando a noite descia sobre a Terra, as pessoas corriam a se envolver em suas peles, buscando o abrigo das suas cavernas geladas e escuras.

Sem o fogo para cozinhar os alimentos, tiveram também os homens de retroceder ao hábito de comer alimentos crus.

Prometeu, vendo que o ser que saíra de suas mãos padecia de incriveis sofrimentos sem indagar da causa que o levava a este lamentável estado, decidiu roubar outra vez aos céus uma fagulha do divino elemento.

- *Cuidado, pense duas vezes antes de afrontar novamente a ira divina!*, disse-lhe Atena, em tom de advertência.

Prometeu, no entanto, surdo aos avisos da deusa, preferiu correr o risco.

Aproveitando o escuro da noite, enrolou-se num manto e subiu aos céus, até onde o sol repousava de sua longa viagem.

Aproximando-se pé ante pé, puxou das vestes um tição apagado e o acendeu nas costas do astro, que dormia a sono solto.



Tapando com a mão a minúscula chama, veio de volta à Terra.

Antes que o dia amanhecesse outra vez, uma imensa fogueira ardia bem no centro da Terra, onde os homens felizes, foram recolher o fogo bendito para esquentar seus corpos e fabricar outra vez suas armas e utensílios.

Mas Zeus, ao saber do fato, irou-se de vez.

- *Aquele maldito intrometido saiu outra vez em defesa de seus protegidos!*, disse o deus, puxando os cabelos.

- *Mas, desta vez, seu ultraje não ficará sem resposta!*



No mesmo dia ordenou que aprisionassem Prometeu a um rochedo no Cáucaso.

- *Quero que ele esteja para sempre preso àquela pedra!*, exclamou Zeus, furioso.

Ordenou, ainda, que soltassem sobre a região, um terrível abutre, cuja degradante função seria a de devorar, incansavelmente, o fígado de Prometeu.

Assim se fez.

Em menos de um dia, Prometeu viu-se acorrentado ao imenso rochedo, enquanto um abutre de hora em hora descia para lhe comer o fígado.

Nem bem a ave nojenta terminava sua tarefa, o fígado de Prometeu reconstituía-se, milagrosamente, fazendo com que a ave insaciável retomasse a sua função, tornando, deste modo, infinito, o suplício do pobre amigo dos homens.

Durante muitos anos Prometeu esteve submetido a essa horrenda tortura, quando um dia uma voz cavernosa ecoou sobre sua cabeça:

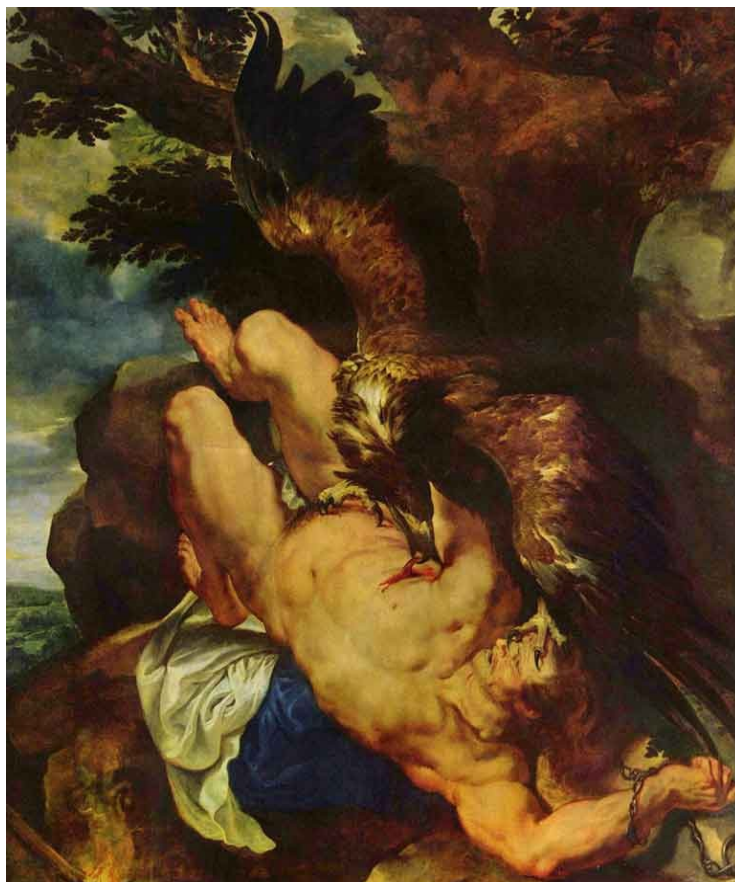
- *Aprendeu agora a lição, Prometeu?*

O filho de Japeto, no entanto, virou o rosto, em sinal de desprezo.

Zeus tentou ainda comprar-lhe o silêncio, prometendo que o libertaria de seu suplício caso ele se compromettesse a esconder dos homens o segredo da obtenção do fogo.

Prometeu, mais uma vez, recusou-se a responder, pois ele não cedia nem a ameaças nem a ofertas.

Mas seu castigo, afinal teve um fim um dia.



Prometeu acorrentado - Rubens

Hércules, filho de Zeus, numa de suas inúmeras aventuras acabou matando o abutre que torturava de modo tão cruel o pobre Prometeu.



Depois, já ia o herói arrancando-o de suas correntes quando a voz de Zeus soou:

- *Isto é impossível que se faça!*, disse Zeus, embora já se mostrasse disposto a perdoar o infeliz Prometeu.

- *Uma vez que eu afirmei que ele jamais se separaria deste rochedo, assim terá de ser até o final dos tempos.*

Hércules, sem poder ir contra a vontade do próprio pai, já se dispunha a abandonar Prometeu no rochedo, quando este, sentindo voltar toda a sua anterior esperteza disse assim ao seu algoz:

- *Tenho uma solução que talvez resolverá meu problema*, disse ele a seu libertador, sem voltar os olhos para Zeus, mantendo com relação a ele o seu silêncio digno e ofendido.

- *Afinal, depois de ter o fígado roído por milhares de anos por uma ave pestilenta, não é da noite para o dia que se pode simplesmente fazer as pazes com o mandante de uma tal atrocidade.*

- *Rompa os elos de minhas correntes e faça com um pequeno pedaço dele um anel*, disse Prometeu a Heracles.

Hércules assim o fez.

Em instantes fabricou um pequeno e elegante anel.

- *Ótimo!*, disse Prometeu.

Depois, arrancando do grande rochedo uma minúscula pedra, soldou-a ao anel.

- *Pronto!*, disse Prometeu.

- *Agora permaneceréi de qualquer modo sempre preso a este maldito rochedo.*

Zeus, admirando secretamente a inteligência da vítima, preferiu silenciar e encerrar de uma vez a longa disputa.

Fonte:- <http://aguerradetroia.wordpress.com/2012/12/08/439/>

